

Crentes, Contemplativos e o Futuro da Civilização Humana: uma resposta budista para a metacrise atual – Parte 3

1 de junho de 2024

B. Alan Wallace

II. Refutação das Objeções

As objeções comuns à introspecção, ou percepção mental reflexiva, afirmam que:

- Se por "introspecção" queremos dizer uma capacidade especial - assim como a visão, só que menos colorida - que temos de "inspecionar dentro" ("olhar para dentro"), então me parece que essa capacidade não existe.
- Não poderia haver, porque o modelo de "inspecionar dentro" requer uma distinção entre o objeto inspecionado e aquilo que inspeciona, e não podemos fazer essa distinção para estados conscientes.
- As observações introspectivas são instáveis e impossíveis de verificar.
- As observações introspectivas são úteis apenas para entender os estados meditativos, mas não os estados mentais comuns e patológicos.
- As observações introspectivas estão sujeitas à contaminação por teorias e sistemas de crenças.
- As observações introspectivas estão sujeitas à ilusão fenomenológica.
- As observações introspectivas estão sujeitas a ocultação e deturpação por processos mentais e motivações inconscientes.
- As observações introspectivas estão sujeitas a distorções devido à participação do observador.
- Filósofo Alex Rosenberg (1946-), codiretor do Center for Social and Philosophical Implications of Neuroscience na Duke Initiative for Science and Society¹: "A ciência empírica continuou a acumular um conjunto impressionante de evidências que mostram que a introspecção e a consciência não são bases confiáveis para o autoconhecimento. Como fontes de conhecimento até mesmo sobre si mesmos, quanto mais sobre qualquer outra coisa humana, ambos estão frequente e profundamente equivocados. Nunca temos acesso direto aos nossos pensamentos. . . A autoconsciência não tem nada mais para trabalhar além dos mesmos dados sensoriais que usamos para descobrir o que as outras pessoas estão fazendo e vão fazer. Não existe um ponto de vista em primeira pessoa. Nosso acesso a nossos próprios pensamentos é tão indireto e falível quanto nosso acesso aos pensamentos de outras pessoas. Não temos acesso privilegiado a nossas próprias mentes. Se nossos pensamentos dão o significado real de nossas ações, nossas palavras, nossas vidas, então nunca poderemos ter certeza do que dizemos ou fazemos, ou, nesse caso, do que pensamos ou por que pensamos."
- Psicóloga cognitiva Anne Treisman (1935-2018) da Universidade de Princeton, ganhadora da Medalha Nacional de Ciências²:

¹ Alex Rosenberg, "Why You Don't Know Your Own Mind," *New York Times*, July 18, 2016, <http://www.nytimes.com/2016/07/18/opinion/why-you-dont-know-your-own-mind.html>.

² Mind and Life XVIII: "Dialogues between Buddhism and the Sciences: Attention, Memory, and the Mind—A Synergy of Psychological, Neuroscientific, and Contemplative Perspectives," Dharamsala, India, April 6-10, 2009.

- A percepção é um tipo de alucinação orientada externamente. Nós criamos a experiência em vez de "fotografá-la".
- Os psicólogos consideram os relatórios subjetivos como dados, e não como relatos factuais.
- Consulte B. Alan Wallace, *The Taboo of Subjectivity: Toward a New Science of Consciousness* (Nova York: Oxford University Press, 2000).
- Objeções iniciais ao uso astronômico do telescópio:
 - O amigo de Galileu, Cesare Cremonini, professor de pensamento aristotélico, recusou-se a olhar pelo telescópio, pois as observações de Galileu contradiziam as opiniões de Aristóteles.
 - Galileu alegou que seu oponente, o filósofo Giulio Libri, recusou-se a olhar pelo telescópio por motivos baseados no livro *Natural Magic* (Magia Natural), de Giovanni Baptista Della Porta, de 1589, que argumentava que a experiência visual em primeira pessoa estava repleta de todos os tipos de ilusões de ótica.³
- William James: "Os problemas da filosofia são aqueles que ainda não foram resolvidos pela ciência. De fato, o domínio da filosofia pode ser parcialmente definido por esse critério."⁴
- Além disso, há a objeção de que, ao contrário dos cientistas, os contemplativos de diversas tradições não alcançaram um conhecimento consensual, nem mesmo dentro de uma tradição, muito menos entre religiões. Além disso, suas experiências são totalmente subjetivas e privadas, portanto, sua validade não pode ser submetida à verificação ou refutação de terceiros. Portanto, não parece que elas tenham alcançado qualquer descoberta replicável e intersubjetivamente verificável.

Em resposta a todas essas objeções, afirmamos:

Śāntideva (Um Guia para o Modo de Vida do Bodhisattva, IX: 1-3):

O Sábio ensinou todo esse sistema em prol da sabedoria. Portanto, com o desejo de afastar o sofrimento, a pessoa deve desenvolver sabedoria.

Afirma-se que a que obscurece e a última são duas realidades. A realidade última não é um objeto de cognição. Diz-se que a cognição é obscuradora.

Em vista disso, as pessoas do mundo são vistas como sendo de dois tipos: contemplativas e pessoas comuns.

As pessoas comuns do mundo são suplantadas pelos contemplativos do mundo.

- Um contemplativo (yogue) é aquele que tem yoga, ou seja, samādhi que é caracterizado pela não-objetificação de todos os fenômenos. Uma pessoa comum (prākṛta) é aquela nascida da ignorância e desejo, que são as causas para entrar no saṃsāra. Um contemplativo é uma autoridade que alcança percepções válidas da realidade, enquanto uma pessoa comum percebe as coisas erroneamente, pois tal pessoa está deludida.⁵

³ https://en.wikipedia.org/wiki/Galileo_affair

⁴ *Some Problems of Philosophy: A Beginning of an Introduction to Philosophy* (London: Longmans, Green, and Co., 1911), 24.

⁵ Paraphrased from the *Pañjikā* commentary on *A Guide to the Bodhisattva Way of Life* by Prajñākaramati; cf. Dégé Tengyur, Vol. 105, Toh D3872, 388.

Definições:

- O samādhi tem a função de fazer com que a mente se concentre continuamente, seja por apenas um momento ou pelo tempo que se desejar. Ele é de dois tipos: (1) o samādhi autêntico tem a função de fazer com que o continuum mental se concentre unifocadamente em um objeto virtuoso; (2) o samādhi aflitivo causa um aumento nas aflições mentais, portanto, é "samādhi" apenas no nome. apenas no nome. O primeiro, o samādhi autêntico, funciona como a base para o aumento da inteligência, enquanto o segundo é a base para a distração e o aumento da inteligência aflitiva.
- A inteligência (*prajñā*) tem a função única de investigar minuciosamente as características distintas ou então as falhas e/ou boas qualidades de um objeto apreendido pela atenção plena, fazendo assim distinções refinadas. Como ela investiga completamente seu objeto, a inteligência tem a função de eliminar a dúvida ou a incerteza. Ela é considerada a raiz de todas as boas qualidades, tanto visíveis quanto invisíveis, e é como uma lâmpada que ilumina ou como o olho que vê fenômenos ocultos.
- Há quatro tipos de inteligência: (1) a que existe desde o nascimento e (2) a que surge do ouvir, (3) do refletir e (4) do meditar, respectivamente. Em suma, há a inteligência que investiga os fenômenos como eles realmente existem e a inteligência que investiga toda a gama de fenômenos. A inteligência aflitiva ocorre quando, quanto mais se analisa, mais aumentam as aflições mentais. A inteligência autêntica ocorre quando a virtude aumenta.